

SUPLEMENTO HUMORISTICO DE

O SEculo

# O Seculo Comico

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Limit.ª

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa



## ANO NOVO E ANO VELHO



*Apre, que ainda é mais feio do que o pai!*





## PALESTRA AMENA

## Mais coisas

Houve quem duvidasse do que ultimamente contámos aqui, com a sinceridade que nos caracteriza e que publicamente poderíamos significar com a afirmação de que não temos papas na língua, com respeito á *seriedade* d'alguns comerciantes, os quais levam ao freguez doze vintens por uma torcida de candieiro, que n'outra parte custa quatro, e dez mil réis por um livro, que n'uma loja, dois passos adiante, custa cinco — desculpem o não fazermos a conversão para moeda moderna, porque levamos muito tempo nos calculos — e, afinal, com toda a gente se tem dado casos semelhantes, acontecendo apenas que, por muito habitua-dos, os queixosos deixaram de lhes dar atenção. Querem mais? E' o que falta por aí!

Ai vai outro, que tambem se deu com-nosco e que se não é analogo aos anteriores, tem, contudo, a mesma força probativa, quanto ao tema que pretendemos expôr:

O nosso pescoco — nosso e da leitora que o queira acariciar — mede uma curta circunferencia, apesar de servir de base a um dos cerebros mais poderosos da actual geração literaria: mede 36 centimetros, ou antes, 35, porque o numero 36 representa o colarinho para a respectiva camisa e, por consequencia, um boçadinho mais larguinho do que o cóz da mesma.

Bem. Como ha tempos precisasemos de comprar colarinhos, porque da meia duzia que, felizmente, já possuimos, tres achavam-se em estado precario, apesar da engomadeira os ter engomado varias vezes do avesso, a fingir que era do direito, e dois haviam desaparecido nas trouxas insondaveis da lavadeira, talvez para fazerem figura no pescoco d'algum cavalleiro de Loures, dirigimo-nos, levando no pescoco o unico que nos restava, a uma camisaria da Baixa, onde expuzemos os nossos desejos.

- Tem colarinhos?
- Sim, senhor.
- De 36?
- Sim, senhor.

Vieram caixas, abriram-se caixas, amontoaram-se caixas — e, confiando no bom gosto do caixeiro, que nos declinava as vantagens de varias marcas estrangeiras, umas politicas, outras literarias, outras geograficas, etc. — colarinhos *Gambetta*, *Victor Hugo*, *Alsacia* — dissemos rapidamente, para que o não apavorar a valia da compra:

— Queira o senhor escolher dois d'uma marca qualquer; das que melhor lhe pareça...

O caixeiro ficou mediocrementemente impressionado, mas imediatamente tirou d'uma das caixas dois colarinhos, dos mais amarellecidos e ia a embrulha-los n'um pedaço de papel pardo, quando nos lembrámos de os examinar. Admi-

rámolos e exclamámos, com surpresa: — 39! A medida d'estes colarinhos é 39 e nós precisamos 36. O sr. enganou-se...

- Não enganei.
- Como assim?
- Afinal, 36 não tenho, mas leve 39... que é a mesma coisa.

Não os levámos, posto que muito respeitásemos a opinião do senhor empregado, que de modo algum procurava enganar-nos, mas aumentar, como era do seu dever, os haveres do patrão, *puxando para a casa*. Não os levámos e fomos a outra loja, onde procedemos nós próprios á escolha, tendo ainda no ouvido a ultima frase do caixeiro, que nos pretendia impingir colarinhos 39 por 36:

— Isso encolhe muito. Deixa-lo encolher. Por estas e outras é que estamos de pé atraz com o trafico local, fazendo, no emtanto, justiça aos comerciantes que ainda vendem torcidas a quatro vintens, como o Lino Ferreira. Aí fica o nome, que bem merece o reclame, com tresentos mil diabos!

J. Neutral.

## Novo regimento

Votou-se ou está para ser votada uma lei restringindo o espaço de tempo destinado a cada discurso parlamentar, obrigar os senadores e deputados a comparecer ás sessões, etc., mas, na nossa opinião, semelhante lei não será proficua enquanto não sofrer as modificações que o *Seculo Comico* lhe introduzirá. Que, afinal, enquanto a rapaziada brava cá da casa não fór chamada ao poder, tudo isto continuará á matroca, como a beleza da vida que todos conhecem.

Eis o nosso projeto, de lei:

Artigo 1.º — São abolidos os discursos.

Artigo 2.º — Os deputados e senadores não empregarão em qualquer assunto mais do que o numero de palavras necessarias.

Artigo 3.º — Por cada palavra a mais



das necessarias, o presidente applicará uma palmatoada ao orador.

Artigo 4.º — Cada deputado ou senador é obrigado a executar pelo menos um trabalho proficuo de duas em duas sessões.

Artigo 5.º — Aquele que não cumprir o artigo 4.º será advertido a primeira vez com uma duzia de açoites; se reincidir ser-lhe-ha retirado o mandato.

Artigo 6.º — Ficam revogadas todas as aguas mornas em contrario.

## Falsificação

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. redactor.

Tendo os jornais noticiado que appareceram no mercado falsificações do 914, recorro á sua reconhecida amabilidade para me dizer do que se trata, por quanto a descoberta traz-me intrigadissima.

De v. leitora assidua e obrigada

M. F.»

Temos a responder:

Ex.ª Sr.ª

E', decerto, v. ex.ª uma menina e por isso aconselhamo-la a que não procure, em regra, perceber o que viu em



letra redonda. Em todo o caso, nas circunstancias presentes, nada impede que v. ex.ª seja esclarecida sobre o que deseja; trata-se d'um bilhete de loteria, o 914, que appareceu falsificado. Não é, soçegue v. ex.ª, se joga com cautelas da loteria da Santa Casa da Misericordia, mas d'outra onde jogam muito maior numero de individuos do que n'aquella — quasi toda a humanidade, emfim, dando-se a ratice do vicio se transmitir de pais para filhos e chegando mesmo a sair a estes, muitas vezes, premios da dita loteria quando quem se habilitou não foram eles, mas os seus antepassados.

Se esta explicação não a satisfizer, rogamos-lhe que não insista mais, porque somos uns desastrados quando tratamos com senhoras e poderíamos, involuntariamente, deixar escapar alguma palavra menos propria das do sexo a que v. ex.ª pertence.

Com a mais alta consideração somos de v. ex.ª veneradores e obrigadissimos.

## A serio

## A minha Mãe

Viste o lar cheio de vida,  
Hoje tudo te entristece;  
Não te esqueças, mãe dorida,  
Que Deus ama a quem padece.

Filhos tres, o esposo, amados,  
Mesmo um neto, te roubaram;  
Mais que todos, desgraçados,  
Sómos nós, os que ficaram.

Cultivemos a saudade  
N'um canteiro — o coração —.  
Para os mortos, piedade;  
Entre os vivos, afeição.

Lisboa, 5 de Agosto de 1919.

Fernando Caládo Nunes.



**Vai faltar o azeite**

Entrevista muito rapida, porque o tempo é dinheiro.

Para sabermos a razão por que o azeite ia faltar, um reporter cá da casa dirigiu-se ao dito, que se encontrava em borra, no fundo d'uma galheta?

—E' certo que vai faltar o azeite?

—E'.

—Por que razão?

—Porque vai faltar o vinagre.

Imediatamente o reporter correu a casa do vinagre, que estava n'uma garrafa na despensa.

—Vais faltar, vinagre?

—Vou.

—Por quê?

—Porque vai faltar o bacalhau.

N'um pulo, chegou o nosso empregado a casa do bacalhau, que estava de molho para o dia seguinte e fez a pergunta:

—Vais faltar, bacalhau?

—Vou.

—Por quê?

—Porque vão faltar as batatas.

Escusamos de contar o resto. As batatas vão faltar, porque vai faltar o estrume; este, porque vai faltar o gado que faz o estrume; o gado, porque vai faltar o pasto... E assim por diante, como o pau, que bate no cão, que morde no gato, que papa o rato, etc., etc!

**Hospitais**

Levanta-se agora a questão dos hospitais e veem a lume curiosas revelações, que afinal, não são novidade para ninguém; o que acontece é que alguém se lembrou de tirar conclusões de factos que a imprensa todos os dias noticia e que não faziam vulto por andarem dispersos.

Mas nem tudo nos hospitais é mau,



apesar do que se conta. Os proprios jornais dizem que, ao passo que se regateia dinheiro para material, roupas, etc. ele aparece para maquinas de escrever e outros objectos, que os censores julgam desnecessarios, mas que, afinal o não são.

Quem lhes disse aos senhores que as ditas máquinas de escrever — só citamos este objecto, que se imagina superfluo — não é applicavel a qualquer enfermidade, não representa uma descoberta medica?

**EM FOCO****Mercedes Blasco**

*E' a segunda vez que em curto prazo A Mercedes Belmiro em verso canta, Mas a estima que tem por ella é tanta Que não deve ninguém troçar do caso.*

*De novo invoca as damas do Parnaso Porque um feto boato se levanta: Que a ofendera, diz um sacripanta, No primeiro soneto a que deu aso!*

*Para que um empresario se convença De que é actriz de intelligencia rara E d'uma illustração (a sercio) imensa,*

*Ai fica segundo, ó gente ignara! E agora a quem disser que este é ofensa Palavra d'honra que lhe quebro á cara!*

BELMIRO.

Ha um doente de cisma: pois não pode o facultativo receitar-lhe um tratamento de distração e não pode esse tratamento ser precisamente um exercicio de escrita á máquina, pelo enfermo?

Ora então, não sejam más linguas e lembrem-se os da campanha que, assim como aos condenados á morte se satisfazem todos os desejos, muitas vezes a cura pôde consistir em conceder a um doente caprichoso a satisfação de qualquer extravagancia, o que se verifica — para não irmos mais longe — nas gravidas.

Cremos que nunca ninguém se lembrou de censurar os pelintras das *Boemias* pela oferta do regalo á Mimi, á hora da morte...

—Trim... trim... trim... O director geral?

—Trim... trim... trim... Sou, eu. E' o sr. ministro?

—Sou. E' a respeito do decreto de hontem.

—Diga vossa ex.<sup>a</sup>.

—Oiga. Faça uma emenda no artigo primeiro. Onde está «sim» mande pôr «não».

—Sim, senhor.

—E no artigo segundo. Onde saiu «preto», escreva «branco».

—Sim senhor. E no artigo terceiro?

—Mande-o publicar de novo, mas ás avessas...

—Está muito bem.

—D'esta vez fica resolvida a crise; não lhe parece?

—Evidentemente.

E assim sucessivamente.

**As providencias governamentais**

N'uma coisa está toda a gente d'acôrdo quando d'alguns dos ministerios sai um decreto com o fim de remediar as crises actuais: em fazer justiça á boa vontade de quem decreta. E n'outra coisa está tambem toda a gente d'acôrdo na mesma occasião: em fazer justiça á ignorancia de quem decreta. Ora leiam o que um nosso reporter abelhudo surpreendeu um dia d'estes pelo telefone:

—Trim... trim... trim... Está lá?

—Trim... trim... trim... Quem fala?

—Ministro. E' o director geral?

—Sou. V. ex.<sup>a</sup> que deseja?

—Já mandou fazer o decreto sobre o que sabe?

—Já. Vou manda-lo imediatamente.

—D'esta vez fica resolvida a questão das subsistencias, que lhe parece?

—Evidentemente...

No dia seguinte á da publicação do decreto:

DE FÓRA

**A' Laurita Costa**

(No seu aniversario).

Um brinde retumbante e belo exige-o A tua peregrina formosura.

Pobre de mim tão longe: do fastigio, Abalancar-me a tal será loucura.

O fausto aniversario dum prodigio Demanda pensamentos á altura, Eu sei?! Um lindo barretinho frigio, Em presidenta, que ha-de ser futura.

Tudo pode alcançar Laurita Costa, Brillante puro e do melhor quilate. Mas não renego garantida aposta,

Que muitos cuidarão ser disparate: Vou apostar como ela mão desgosta Duns miseros bonbons de chocolate.

15-XII 918.

G. P.



# “Toilettes” modernas



O marido :

— Já despida a estas horas?! Vais para a cama?

— Não, meu tolinho: vou para o teatro...